

**CINE ARGUS: UM CINEMA E SUA
IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA E COTIDIANO
DE CASTANHAL. (DÉCADAS DE 1960-1990)**

Lays Sinara da Costa Santos

Graduada no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Castanhal-FCAT. Email:
layssinara@gmail.com

Nayana Rodrigues de Campos Dias

Graduada no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Castanhal-FCAT. Email:
nayana.hist20@gmail.com

Rosilene da Silva dos Santos

Graduada no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Castanhal-FCAT. Email:
rosilenehist2014@gmail.com

CINE ARGUS: UM CINEMA E SUA IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA E COTIDIANO DE CASTANHAL. (DÉCADAS DE 1960-1990)**CINE ARGUS: A FILM AND YOUR IMPORTANCE IN HISTORY AND CASTANHAL OF EVERYDAY . (DE DECADES 1960-1990)**

Lays Sinara da Costa Santos

Nayana Rodrigues de Campos Dias

Rosilene da Silva dos Santos

RESUMO

O presente trabalho analisa o cinema, que existiu na Cidade de Castanhal localizada no Estado do Pará entre os anos de 1938 e 1995, chamado Cine Argus. O qual foi um importante espaço para a realização de atividades envolvendo a cultura e o lazer da população. O período em que concentramos a nossa análise, a partir da documentação disponível, compreende as décadas entre 1960 e 1990, visto que a memória dos depoentes e a documentação acessada durante a pesquisa se refere a este período. Por meio do exame da memória oral, procuramos entender a relação do cinema com a modernização do espaço de Castanhal, bem como apontar sua influência no cotidiano da cidade e suas estratégias de sobrevivência. Dentre estas, destacamos uma que foi fundamental para a sua sobrevivência, a relação da sala de cinema com a Colônia Japonesa, discutindo a importância de sua atividade econômica para a Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE:

Castanhal, Cotidiano, Cinema e Cine Argus.

ABSTRACT

This paper analyzes the film , which existed in the Castanhal city in the state of Pará between the years 1938 and 1995, called Cine Argus . Which it was an important space for carrying out activities involving culture and leisure of the population. The period in which we focus our analysis, from the available documentation comprises the decades between 1960 and 1990 , as the memory of the deponents and accessed documents while searching refers to this period. Through the examination of the oral memory, we try to understand the film 's relation to the modernization of Castanhal space and point its influence in the city's daily life and their survival strategies. Among these, we highlight one that was essential for their survival , the relationship of cinema with the Japanese colony, discussing the importance of their economic activity for the Amazônia.

KEYWORDS:

Castanhal, Everyday, Cinema and Cine Argus.

INTRODUÇÃO

O Cine Argus existiu entre os anos de 1938 a 1995, no município de Castanhal localizada no Estado do Pará. Castanhal teve no Cine Argus um dos seus mais importantes espaços como centro de lazer e cultura regional, em que por um longo período, as atividades estavam concentradas nele. A colônia japonesa também contribuiu para o sucesso do Cine Argus, principalmente nos dias dedicados a exibição de filmes japoneses.

Tais motivos despertaram nosso interesse em pesquisa-lo. Procuramos perceber, ao longo de nossa pesquisa, como o cinema sobreviveu há tanto tempo, como estavam organizadas as estratégias para captação de público, bem como as razões que levaram ao seu término.

Da mesma forma, procuramos destacar a importância da família Carneiro com o comércio cinematográfico. No decorrer da nossa pesquisa podemos perceber que a família Carneiro além de proprietária do cinema era empreendedora do ramo cinematográfico, comandando salas de cinema em várias regiões do estado do Pará, se caracterizando como uma família responsável pela interiorização e difusão do cinema na Amazônia.

Realizamos esta História do Cine Argus a partir da memória apresentada em depoimentos orais, coletados através de entrevistas nas quais buscamos pessoas que estiveram presentes em vários momentos do cinema, como seus proprietários e frequentadores, além de outros documentos, como jornais, livros de memória escritos por José Queiroz Carneiro, filho do proprietário do Cine Argus (*Avô Filho Neto Uma Geração em Cenas*), fotografias e documentários provenientes de arquivos privados.

Mesmo com todas essas informações citadas, elas foram insuficientes para a construção desta pesquisa, pois as mesmas possuíam lacunas que nos deixavam indagações como: Quais as experiências do público? Como se organizavam as redes de cinemas nos interiores, as estratégias que mantiveram o Cine Argus em funcionamento por um período tão longo? Dessa forma, foi necessário recorrer ao uso de fontes orais e, conseqüentemente, da metodologia da História Oral, possibilitando-nos assim, trabalhar o tema dentro dos padrões acadêmicos.

A principal obra utilizada para a realização dessas entrevistas foi *A Voz do Passado: História Oral*, de Paul Thompson, onde podemos encontrar embasamentos adequados para conduzir boas entrevistas.

Desta forma, foram realizadas cinco entrevistas cujos entrevistados foram: Álvaro Augusto Queiroz Costa, frequentador do cinema; Arquimimo Cardoso de Oliveira Junior, que por alguns anos foi vizinho do Cine Argus, contribuindo com histórias interessantes sobre as exposições; Dennis Crisosth Mendonça Silva, frequentador do cinema que contribuiu com suas lembranças sobre o espaço físico do Cine Argus; o Senhor Amílcar Queiroz Carneiro um dos proprietários do cinema e por fim o Senhor Toshiaki Morotomi Shimomaebara imigrante japonês, morador de uma colônia de japoneses que frequentava o cinema nas quintas feiras.

O Cine Argus merece ser investigado pelo fato de que uma cidade no interior do Estado do Pará, que não possuía a mesma estrutura da capital, manteve por tanto tempo um cinema, em que as atividades de lazer estavam concentradas nele, atravessando períodos históricos diferentes, tanto da história da indústria cinematográfica como da Amazônia.

O cinema existiu durante uma fase em que a cidade de Castanhal passou por várias transformações em seu espaço urbano, além de crescimento de sua população e mudanças em seus hábitos culturais. Proporcionando lazer, o cinema também era uma fonte de renda para muitas pessoas e permitiu que o público entrasse em contato com novas culturas e representações artísticas de outras partes do mundo. Isso não acontecia somente na cidade de Castanhal, mas também nas cidades vizinhas, e até mesmo, em outros lugares do Pará e em outros estados, onde a família Carneiro era proprietária de outras salas.¹

O proprietário usava as mais variadas estratégias de inovações que mantinham o público atualizado, da forma que lhe era possível. Mesmo com muitas dificuldades, eles conseguiram manter o Cine Argus e expandir o comércio do cinema para outras regiões com muito êxito, durante quase meio século.

Por meio da pesquisa, o assunto proposto busca contribuir para a valorização da identidade coletiva, construindo uma história do Cine Argus, pensando o cinema como um agente de modernidade em Castanhal, bem como investigando a importância do cinema para a vida cotidiana da cidade e da região.

¹ As salas cinematográficas atingiram vários municípios, alguns atravessaram o Pará como: o Estado do Maranhão em Imperatriz, Amapá e Serra Norte Carajás. Mostramos esse processo no capítulo 4 deste trabalho.

Outra contribuição deste estudo consiste em disponibilizar fontes orais produzidas ao longo da pesquisa, os quais ajudarão na construção de outros trabalhos na área acadêmica, e também, no ensino de jovens e adultos sobre a história de Castanhal. Desta forma, ajuda na formação do senso crítico em relação a sua cidade, na qual o professor possa trabalhar a história do Cine Argus, utilizando este trabalho de uma forma didática, percebendo a importância que o cinema teve para a população e para a modernização da cidade.

MEMÓRIA, COTIDIANO E CINEMA EM CASTANHAL

O cinema começou a fazer parte do cotidiano da população de Castanhal, em um momento em que a cidade passava por um importante processo de modernização, tornando-se um ponto de referência no que diz respeito ao lazer daquela época. É importante observar que o cotidiano das pessoas girava em torno dos trilhos da Estrada de Ferro, pois todas as informações que chegavam à cidade eram trazidas por meio do trem e das rádios.

A partir do momento em que se estabelece o cinema em Castanhal, o Cine Argus passa a exercer uma influência significativa na gama de informações que chegavam para as pessoas, tais notícias não se restringiam apenas aos conteúdos dos filmes, mas também em notícias nacionais.

O Cine Argus não era simplesmente um cinema, pois ele tinha um papel social de informar a população dos acontecimentos ocorridos na cidade, bem como noticiar acontecimentos do país e do mundo. Essa função era realizada através dos filmes e de um programa de rádio que funcionava no prédio do cinema, que estavam situados na faixa sendo um ponto estratégico para a divulgação, como podemos comprovar no seguinte relato.

(...) era tudo muito difícil e tudo se conhecia através do cinema, além de filmes tinha os jornais né, como tem hoje os jornais da televisão, o cinema tinha um jornal também claro que não era do dia (risos), passava um jornal aqui digamos que um, dois, três meses (...). (Entrevista com o Sr. Amílcar Carneiro. 2015).

Como podemos observar no período abordado, o sistema de comunicação pública, com a presença de jornais ou rádios era ainda incipiente em Castanhal. É necessário entendermos que o Cine Argus não possuía nenhuma tecnologia avançada para realização do seu jornal, porém utilizava-se dos alto-falantes para a divulgação das notícias.

(...) o programa de alto-falante ele acontecia de manhã cedo, às 10 e 11 horas, e meia hora antes das sessões. Se a sessão começava 16 horas da tarde e 15h30mn o alto-

falante começava a música e anunciava o filme aqui acolá anunciava uma vinheta do comércio, uma nota fúnebre (risos). (Entrevista com o Sr. Amílcar Carneiro. 2015).

O trabalho desenvolvido pelo proprietário do cinema Manuel Carneiro, consistia em divulgar as notícias, sendo uma tarefa que exigia esforço e dedicação, pois era necessário que houvesse uma organização e o agrupamento de informações, tanto para serem anunciadas no jornal como para passarem antes das exibições dos filmes. Esses programas informativos do Cine Argus cumpriam uma função publicitária para o cinema e para o comércio local, servindo de coluna social, além dos avisos fúnebres.

Fazendo par com os programas transmitidos via alto-falantes, o cinema servia como uma agência local de transmissão de notícias por meio da exibição de documentários, com destaque para os documentários futebolísticos. Dentre eles, houve um em especial que marcou a memória do Amílcar Carneiro (2015), onde podemos perceber que:

(...) o tempo né, uma ocorrência em janeiro só ia chegar aqui no meio do ano, mas era interessante ver a imagem, futebol Brasil campeão mundial ninguém via só ouvia pelo rádio, mas daqui a três meses você via no cinema três minutos os gols, as partidas essas coisas, tudo isso era novidade.

Na fala do Amílcar aparecem as memórias das conquistas dos primeiros campeonatos do mundo de futebol pela seleção brasileira, em especial o da copa do mundo de 1958, lembrado pelo Amílcar acima. Neste caso, as transmissões de rádio relatavam os jogos, mas o cinema divulgava as imagens, aguçando a curiosidade do público. Ressalte-se que é importante notar que as notícias nacionais demoravam certo tempo para serem divulgadas na cidade de Castanhal, e com os filmes não eram diferentes, mas ao chegarem, conquistavam o público por se tratarem de uma inovação na forma de transmitir esta notícia, que era revivida, não de forma sonora, mas por meio de imagens.

É importante destacar que o rádio era o único meio de comunicação que a população tinha acesso e, no entanto, eram poucas as pessoas que possuíam o equipamento. Desta forma, o Cine Argus assume também uma postura de agente de notícias, mantendo a população atualizada e não podemos ignorar que seria mais uma estratégia para chamar a atenção do público para o cinema.

“ERA A IGREJA E O CINEMA”

A principal paróquia da cidade de Castanhal chama-se São José, cuja igreja é conhecida também como Igreja Matriz, por estar situada no centro da cidade. Na frente dela existe uma praça denominada Praça da Matriz, onde a população tinha como ponto de encontro e lazer. Sabemos que o Cine Argus estava localizado também no centro da cidade, portanto existia uma forte ligação entre esses três locais citados, pois quando as pessoas iam à missa, ao saírem, se direcionavam para o cinema ou então se encontravam na praça para irem todos juntos ao cinema ou vice versa.

Analisando os depoimentos de nossos informantes, vemos que a memória registra uma ligação entre o cinema e a igreja. Isto porque essa ligação que o cinema tinha com a igreja não estava relacionada apenas na localização dos espaços, mas em todos os eventos religiosos, o Cine Argus estava presente com suas programações.

Exemplo disso é a Semana Santa que, após as missas exibia filmes religiosos, existindo também as vias-sacras. Durante a sexta-feira Santa eram realizadas procissões pela parte da manhã, iniciando com a procissão das crianças, depois dos jovens, em seguida a das senhoras que eram consideradas “as vias-sacras das sombrinhas”, devido à grande quantidade de sombrinhas que as senhoras levavam. (Entrevista com o Arquimimo Cardoso, 2015). A entrevista realizada com o Álvaro Costa nos informa alguns detalhes de como ocorria a procissão das crianças: “(...) era logo cedo, entre sete e sete meia, por volta de nove horas tinha terminado (...)”.

Logo após o seu término, dava-se início a primeira sessão do cinema, usando de estratégia, o dono do cinema sabia que no centro da cidade estava concentrado um grande número de pessoas, logo, as sessões estariam lotadas, levando em consideração que os pais deixavam os filhos no cinema e iam participar da programação na igreja. É importante ressaltar que, nas entrevistas realizadas, observa-se que a igreja não tirava o público do cinema, nem o cinema da igreja, pelo fato de que ambos juntavam um grande número populacional, havendo público para as duas programações.

Outra estratégia usada para chamar atenção da plateia, era a diversificação de filmes religiosos, por exemplo: *Os Dez Mandamentos*, *Quo Vadis*, *Paixão de Cristo*, *O Manto Sagrado* e *A Vida de Cristo*. O filme *Paixão de Cristo* causavam fortes reações no público, como por exemplo: lacrimejavam uma vez por outra e o último filme citado passava todas as sextas-feiras Santas, com casa cheia, sendo uma tradição.

A Vida de Cristo é um filme preto e branco ele é narrado os personagens não falam mais alguém vai narrando a história, então é um filme que foi adquirido pelo cinema há muito tempo e que toda geração deve ter assistido aquele filme porque toda sexta feira santa passava A Vida de Cristo, nesse dia tinha sessões pela parte da manhã, pela parte da tarde e sessões pela parte da noite. (Entrevista com o Arquimimo Cardoso, 2015).

O filme *A Vida de Cristo* era uma referência de programação da Semana Santa, sendo assistido por várias gerações, pois normalmente, os filmes passavam e, caso fizessem sucesso de público, eram especialmente reprisados no ano seguinte. Amílcar Carneiro (2015) informa que havia um rodízio de fitas que, no caso do Cine Argus, eram uma garantia de sucesso de público. No caso *A vida de Cristo* é uma dessas fitas que eram aguardadas ansiosamente a cada Semana Santa, no que se percebe que era também, uma estratégia de garantia de público usada pelos donos do cinema.

A sala do Cine Argus era o único espaço que comportava uma grande quantidade de pessoas, como podemos confirmar: “(...) o auditório, a parte de baixo comportava até 400 pessoas sentadas e em cima havia um mezanil (sic) com cadeiras estufadas né, então dava mais ou menos 500 a 550 lugares (...)”. (Entrevista com o Arquimimo Cardoso, 2015).

Devido à localização privilegiada do cinema e sua capacidade de comportar um grande número de pessoas, todas as programações da cidade giravam em torno dele, servindo como auditório para realização de vários eventos, como: “bailes de formaturas, comícios, show de calouros e era referência no que diz respeito a shows a níveis profissionais, shows teatrais” (A gazeta Castanhalesense. 1994. p.6) entre outros.

O cinema ele... uma época bem mais antiga ele não servia só de cinema, lá funcionava teatro, assim como outras coisas. Aconteciam vários eventos porque o cinema, ele era um espaço cultural e quase que único na cidade com o espaço que ele tinha, vamos dizer que era o maior... o único auditório que a cidade tinha. (Entrevista com o Sr. Dennis Silva 2015).

A citação acima nos confirma que o Cine Argus era o único espaço, onde era possível realizar grandes eventos, portanto era comprometido em proporcionar o lazer durante várias épocas do ano. O cinema realizava várias programações de acordo com as datas comemorativas do calendário, temos como exemplo, o mês de setembro.

(...) setembro tinha desfile escolar; o cinema estava lá dando como referência do som; o palanque era de frente do cinema, aí outubro ainda não tinha a Romaria aqui, tinha o círio de Belém, novembro cemitério, dezembro natal, aí entra o cinema com as músicas de natal; havia um colorido na frente do cinema (...). (Entrevista com o Sr. Arquimimo Cardoso, 2015).

O Cine Argus estava envolvido em todas as datas comemorativas, principalmente as cívicas e as religiosas, tornando-se parte integrante destas festas, seja com seu espaço, seja por meio de suporte de equipamentos.

Desta forma, o cinema foi um espaço muito importante para a socialização das pessoas, como uma das formas mais utilizadas para o lazer e o encontro de vários grupos da cidade, bem como de outras culturas, pois suas sessões diversificadas movimentavam todos os municípios próximos à cidade, trazendo visitantes que se deslocavam para Castanhal a fim de assistir aos filmes.

UMA ESTRATÉGIA BEM SUCEDIDA: A PROPAGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA PELO CINE ARGUS

A história do Brasil foi marcada pelas migrações nacionais e imigrações internacionais – e com Castanhal e região não foi diferente. Neste momento, cabe destacar a migração japonesa ocorrida na Região Norte do Estado do Pará, a qual teve um papel fundamental na produção agrícola, sendo um dos suportes fundamentais para o desenvolvimento local.

Por conta de uma demanda na produção cafeeira e a necessidade de mão de obra, dá-se início ao desenvolvimento de uma política imigratória que surgiu no Brasil no final do século XIX. Dentre os imigrantes que aqui chegaram, podemos destacar a vinda dos japoneses, que “representou a minoria no contexto das imigrações estrangeiras, porém foi a que teve menor índice de retorno.” (MUTO. 2010.p.13).

Segundo Reiko Muto (2010), a imigração japonesa para o Brasil está dividida em três períodos. O primeiro ocorreu em setembro de 1929, conhecido como “velha imigração (chamado de —kyu-imin, pelos japoneses)”, o segundo período que foi chamado de “nova imigração (chamada de —shinimin, pelos japoneses)”, por vez, o terceiro período ocorre na década de 1980, durando até os dias atuais.

Em 16 de setembro de 1929 ocorre a primeira chegada dos imigrantes japoneses no Estado do Pará, os quais se instalaram nas pequenas comunidades próximas ao centro da cidade de Castanhal, sendo possível confirmar com a citação abaixo:

Ao chegarem ao Estado do Pará, os japoneses, considerados ainda grupo pequeno, se concentrou em núcleos coloniais: Acará, que na década de 1940, passou a se chamar Tomé-Açú; Monte Alegre; e Castanhal. Na segunda fase da chegada dos

japoneses, o número desses núcleos coloniais aumentou consideravelmente. (SOUZA, p.45.2013).

Após se fixarem no território, dedicaram-se a agricultura, mais especificamente ao cultivo de “cacau, arroz, feijão, algodão, tabaco, cana-de-açúcar e mandioca, mais tarde, com a pimenta do reino” (SOUZA, 2013.p.46), sendo um meio de sobrevivência e também podendo contribuir para o setor econômico de Castanhal.

A colônia japonesa também foi extremamente importante para o Cine Argus, pois puderam contribuir no funcionamento do cinema, fornecendo os filmes japoneses que vinham da Associação Nipo-brasileira de Belém. Estas exposições aconteciam nas décadas de 1970 e 80, embora nas entrevistas não tenha ficado exato o período em que se passavam os filmes. Na entrevista de Amílcar Carneiro, podemos entender como ocorreu a negociação para a exibição dos filmes no Cine Argus.

Aí foi o seguinte, teve uma época que nós estávamos em crise como todo comércio, tá devendo não tem mercadoria meu pai tava todo endividado problema de débito na empresa, aí não vinha filme, aí apareceu alguém da Associação Nipo-brasileira de Belém, querendo passar os filmes pra colônia japonesa de Castanhal e ele pegou logo porque tava precisando de filme, aí descobriu que toda semana eles tinham filmes japoneses, vinham direto pra eles de São Paulo, eles faziam exposição em Tomé-Açu e em Belém, Belém tinha um cinema na associação nipo-brasileira que onde hoje é um hospital na nove de janeiro tem a associação mais hoje é um hospital, aí em função disso ele começou a pegar os filmes japoneses e a colônia japonesa começou a frequentar (...). (CARNEIRO, entrevista 2015).

Analisando a citação, percebe-se que a proposta da Associação apareceu em um momento propício, pois naquela circunstância, supriria a necessidade de público do cinema. Na primeira exposição de filmes japoneses, o público-alvo foi alcançado com sucesso, garantindo um bom número de pessoas, não somente japoneses, mas atraindo também outros públicos, justamente por ser um filme inédito.

Após o ocorrido, o proprietário do cinema Manoel Carneiro manteve a programação do cinema, no entanto percebeu que seria mais lucrativo continuar a exibição dos filmes japoneses. “Mesmo normalizando as exposições de filmes, ele continuou com esses filmes todas as quintas-feiras” (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Assim, o Cine Argus instituiu um dia da semana que era exclusivo para os filmes japoneses, sendo uma estratégia bem-sucedida, pelo fato de que, a região, tanto nas cidades quanto na área rural, abrigavam várias colônias japonesas. Tal estratégia conquistou um público fiel que além de vir assistir os filmes, poderiam compartilhar suas tradições.

O público de Castanhal já é bastante diversificado e já podemos ter programações distintas. Do seu respeito pelo público surgiram as exhibições de filmes japoneses uma vez por semana, atendendo a colônia japonesa que é numerosa em Castanhal. (Carneiro, 2009,p.56-57).

Com a programação dedicada às colônias japonesas, eram exibidos vários filmes, antecipadamente selecionados, para agradar ao público-alvo. Com relação aos filmes, percebe-se nitidamente também na entrevista com o Amílcar Queiroz que outras produções asiáticas também tiveram espaço na grade: “Não era aquele caratê não, era filme japonês, não, era aquele caratê de Hong Kong, produção japonesa.” O que pode ser confirmado na entrevista com Dennis Crisosth (2015).

Eram os de caratê né, principalmente de caratê que falavam na época. As pessoas gostavam de assistir quando era do *Bruce Lee* que ele era o mais famoso da época... aí quando era *Bruce Lee* chegava a ser até o filme principal do dia.

É importante ressaltar que essa estratégia utilizada pelo proprietário cada vez mais se tornava bem-sucedida, pois grande parte do público japonês vinha de localidade próxima de Castanhal.

Observa-se que existia certa dificuldade das pessoas que moravam nas colônias japonesas para chegar à cidade, logo, para ir ao cinema, não era muito diferente. No caso do entrevistado Toshiaki Shimomaebara, ele ia para o cinema com seus pais de carro próprio. E, mesmo diante de algumas dificuldades, os membros da comunidade japonesa não deixavam de ir ao cinema.

Dentre as dificuldades para frequentar o cinema estava a distância da capital, que afetava no transporte das fitas. Da mesma forma, o Cine Argus também passava por dificuldades com a concorrência, pois nos cinemas de Belém os filmes chegavam primeiro, pelo fato da estreia ter ocorrido antes na capital e depois nos cinemas do interior. Entretanto, com o acordo entre o Cine Argus e a Associação Nipo-Brasileira, o cinema conseguia manter a sua audiência, gerando assim um bom lucro.

As memórias do Arquimimo Cardoso reforçam a nossa compreensão de que, realmente, o dia da semana dedicado à colônia japonesa, era bem sucedido.

Tu olhas para a (Avenida) Barão do Rio Branco hoje, ela tem duas pistas, e aí ficava na quinta feira à noite... os carros estacionados nas duas pistas, nos dois lados e todos os tipos de carros, os C10 principalmente. As pessoas do interior até que era pouco né!

A programação não só gerava lucros para o cinema, como também para as pessoas que, não necessariamente, eram funcionários do cinema, mas que dependiam dele para

obterem uma renda. Como estamos falando de uma programação voltada aos japoneses, a comida oferecida não poderia ser diferente.

Quando tinha filme voltado para a colônia japonesa, tinha um japonês que morava em Santa Izabel, aí ele trazia as guloseimas da culinária japonesa, estendia lá na toalha dele, colocava para vender e em meia hora ele vendia tudo. (Entrevista com Arquimimo Cardoso. 2015).

Outra entrevista na qual podemos confirmar esta informação, é a do Toshiaki, que nos relata: “logo na entrada havia um casal de japoneses que vendia comida caseira” (Entrevista com Toshiaki Shimomaebara. 2015). E sempre que ia ao cinema, era costume comprar o bolinho. Percebemos assim que, além das exposições dos filmes, eles ainda poderiam desfrutar das comidas típicas de seu país de origem.

Observa-se que a programação era voltada para a família toda, onde eles poderiam aproveitar a sua cultura, mesmo em um local distante de seu país de origem. O cinema foi, portanto, muito importante para fortalecer a ligação simbólica entre as colônias japonesas que aqui residiam e o Japão. O Cine Argus cumpria assim, a função de atualização de informações entre culturas diferentes.

A TRAJETÓRIA DO CINE ARGUS EM CASTANHAL

Como pudemos observar, Manoel Carneiro Pinto Filho, conhecido como seu “Duca”, manteve relações com o cinema desde a fundação do primeiro espaço que a cidade de Castanhall possuiu. Seu interesse pelo cinema era tão grande que trabalhava voluntariamente nos dois primeiros espaços, ajudando na manutenção e no bom funcionamento do cinema.

Esses relatos podem ser observados na entrevista contida no livro *Avô Filho Neto: Gerações em Cenas*.

Eu não tinha participação nenhuma no negócio, trabalhava só por amor, pela dedicação, mas gostava mesmo, fazia aquilo como ainda hoje faço, não era só visando o lucro, não, é porque gosto do cinema. (CARNEIRO. 2009.p.50).

Toda essa dedicação do seu Duca em prol do cinema foi tão grande que ele conseguiu adquirir experiências suficientes para mais à frente obter e administrar seu próprio cinema, criando dessa forma, mecanismos que sustentassem o seu primeiro cinema por quase cinquenta anos, cujo nome era Cine Argus.

O Cine Argus inicia suas sessões em um novo prédio, onde funcionava a antiga Prefeitura de Castanhall, localizada na Avenida Barão do Rio Branco. Justamente por ser um

local estratégico, no centro da cidade, desse modo, o cinema poderia atrair um grande público para as suas sessões. De acordo com a entrevista cedida pelo Amílcar Carneiro ao jornal Gazeta Castanhalense, a estrutura do cinema está dividida da seguinte maneira:

O prédio mede doze metros de largura por quarenta de comprimento. O salão tem capacidade para 550 pessoas sentadas, incluindo o balcão, o que atualmente é um desperdício. O ideal é um salão de 200 lugares, proporcionando melhor conforto e uma manutenção mais fácil. (Gazeta Castanhalense. 1994.p.6).

Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de realizar reformas na sua estrutura, com o objetivo de trazer mais conforto aos seus clientes. Porém, ao longo do tempo, foram feitas várias adaptações conforme a necessidade do público como pode perceber na citação a baixo:

Ele foi mudando de acordo com a época, não vou dizer desde quando ele surge, mas quando eu me entendi como mentalidade o prédio já tinha passado por algumas adequações. Então por exemplo para ir “lá pra cima” como a gente fala quem ia “lá pra cima” ou ia para namorar ou por que tinha dinheiro de sobra, que era mais caro então não era qualquer um que ia “lá pra cima”, então essa escada eu me lembro de que ainda era de madeira, então eu me lembro de quando fizeram ela de alvenaria. (Entrevista com Arquimimo Cardoso. 2015).

Um fato que chamou nossa atenção durante a maioria das entrevistas realizadas é o de que, mesmo o cinema passando por essas modificações, os filmes continuaram a ser exibidos, sofrendo apenas alterações nos horários das sessões, como relatado na citação abaixo:

Eis o milagre (risos), fazia sem parar, teve umas vezes que a gente exibia sem teto sem telhado rezando para não chover, não totalmente o telhado era de barro e trocando ficava um vão aberto e passava só de noite de dia não dava pra passar por causa da claridão, mas rezando para não chover. Mas o público lá? Ia não podia parar. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Este fato nos chamou atenção, porque as pessoas continuaram a frequentar as sessões, mesmo quando o cinema estava passando por mudanças. Era interessante, porque mesmo durante as reformas, o público não deixava de frequentá-lo em grande número, por ser um importante espaço que proporcionava lazer para a população.

Após uma análise das fotos dos arquivos pessoais do Arquimimo Cardoso e Amílcar Carneiro observam-se as várias reformas na fachada do Cine Argus. Percebemos nos relatos do Álvaro Costa (2015):

(...) era assim onde estava a tela, era um palco e no fundo do palco era a tela de exibição, a parte da projeção ficava numa parte elevada como se fosse um ... é como é que posso dizer ... e logo assim próximo tinha os camarotes na parte de cima, aí tinha a sala onde estava os projetores que era por trás desses camarote que era um plano elevado, as cadeiras eram assim um terreno onde estava o chão inclinado tinha

um declive, as cadeiras era de madeira é o braço era removível, não perdão! Não era o braço era o assento aqui, aí você saía e voltava é era o assento o braço eram fixos os assentos era tudo de madeira, o chão era... tinha tipo um tapete e o banheiro ficavam as entradas tanto o masculino quanto o feminino ficavam nas laterais da tela do palco assim saía e a entrada (risos) esqueci de falar da entrada, você entrava e tinha os cartazes do filme que seriam exibidos aí você passava assim numa abertura ao lado, aí tinha uma cortina aí você ultrapassava a cortina e já estava lá na sala.

As reformas feitas no Cine Argus não deixaram de ser uma estratégia para que, cada vez que o público frequentasse o cinema, e se sentisse em um lugar agradável, retornando assim outras vezes. Desta forma, o cinema ganhava cada vez mais destaque econômico e social.

O “COMÉRCIO CINEMATOGRAFICO”

Quando falamos das estratégias que o proprietário do Cine Argus utilizava para atrair o público e que o mesmo sempre foi fiel às programações, isso não quer dizer que o cinema não passava por dificuldades, ao contrário, “como qualquer comércio, também passava por bons e maus momentos” (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015). Podemos ver na citação uma dessas dificuldades.

O mais sério deles foi, sem dúvida, a pressão da Empresa de Cinema São Luís sobre os cinemas do interior, cortando fornecimento das melhores fitas. (CARNEIRO, 2009.p.57).

O fato citado, realmente seria um problema para o funcionamento do cinema, no entanto, a partir dessa eventualidade, Manoel Carneiro não poderia permitir o fechamento do Cine Argus, ao qual se dedicou por tanto tempo, logo, teria que pensar em uma nova estratégia para conseguir novas empresas que pudessem fornecer os filmes para o cinema. E de fato, foi o que ocorreu, como podemos ver nos relatos do Amílcar Carneiro (2015).

(...) as empresas fornecedoras eram as filiais das grandes distribuidoras Columbia, Nero, Universal, Fox essas que você quando vai assistir aparece lá no começo, a Fox é aqueles holofotes, a Universal é o grupo, a Columbia é aquela estátua da liberdade a Paramount é aquela companhia com as estrelas. Então todas essas empresas tinham suas filiais no Brasil, em Recife tinha as filiais que forneciam filmes para o Norte e Nordeste então era lá que a gente se abastecia, tinha que ir lá negociar os filmes fazer negócio assim para seis meses pacote e tal fechava durante aqueles seis meses, então eles eram muito as empresas Americanas muito cruéis com os clientes; eles não alugavam o filme, eles alugavam o pacote; tinha que ter o bom e o ruim a bilheteria tinha que ter o bom e o ruim, às vezes a gente pagava filme que não ia dar nada, pra poder exibir o filme que tinha antes o pacote bom.

Entende-se, pois, que as empresas só alugavam os pacotes com vários filmes, sendo que, neles continham os que agradavam o público ou não. Diante disso, saía bastante caro para apenas um cinema assumir sozinho os gastos com os mesmos, porque como já foi dito, um negócio sobrevive de estratégias e, novamente o proprietário do cinema teria que se utilizar das mesmas.

Então foi necessário incentivar os interiores a investir na exibição de filmes:

É o seguinte, o cinema por ser um negócio difícil as pessoas começaram logo a desistir isso era ruim, porque meu pai não podia ficar só aqui em Castanhal, ficava cada vez mais difícil de trazer os filmes, então ele incentivava as pessoas a manter os cinemas como não mantinham ele ia e arrendava o cinema para manter funcionando, que era mais fácil alugar um filme e passar num circuito para cobrir as despesas do que alugar só para cá. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Podemos também entender melhor como ocorria o processo de arrendamento dos cinemas no interior do Estado e até mesmo fora dele, por meio da citação a baixo.

Para enfrentar essa pressão por volta de 1967, papai passou a fazer contatos com distribuidoras de Recife e devido às dificuldades que se apresentaram ele teve que ampliar sua atuação, sub-alugando filmes para outros cinemas do interior, iniciando assim um circuito. Foi o início de outra fase na qual sua experiência no ramo garantiu-lhe êxito: o trabalho de Castanhal multiplicava-se por outras praças como Abaetetuba, São Miguel do Guamá, Imperatriz, Carolina, Açailândia, Macapá, Soure, Vigia, Altamira e etc. (Carneiro, 2009. p. 57).

Com a entrevista Amílcar Carneiro (2015), podemos ter o conhecimento de lugares relacionados a seguir:

Tinha no Maranhão, Imperatriz foi uma praça jovem que surgiu com a Belém-Brasília, Imperatriz era uma cidade pequena com a Belém-Brasília ela cresceu muito e era isolada, pra você ter uma ideia em 72 que começou a transmissão direta da televisão, foi em 72? Sim. É que a gente começou a sentir a influência da televisão né a televisão colorida e tal jogos direto, Imperatriz ainda não tinha televisão então era uma praça muito grande cheia de pessoas indo pro garimpo e tal, os filmes lá foi um bom negócio que a gente fez na vida foi nessa área, partindo de lá ele conquistou outras praças do Maranhão, Açailândia (pausa curta), Balsas, Carolina e aqui também no estado do Amapá, Macapá ele arrendou o cinema e depois acabou ficando com todos os cinemas de lá de Macapá, eram três cinemas.

A partir dessa crise, no cinema de Castanhal, se começa a expandir o comércio cinematográfico da família Carneiro, passando a crescer e tomar uma grande proporção, sendo importante para a comercialização das fitas e levando assim, para os lugares improváveis, as salas de projeções, difundindo, não só as tecnologias cinematográficas, mas também novas culturas, pois tais motivos os tornam visados, não só para os interiores, mas para outras regiões.

Quando surgiram os projetos de exploração econômica do Sul do Pará, papai está lá vendendo diversões nos canteiros de obras: assim entraram para o seu circuito as exhibições em Tucuruí, Serra dos Carajás e até o garimpo da Serra Pelada, além do projeto Jarí (...). (Carneiro, 2009.p.58).

Para que Manoel Carneiro pudesse dar andamento em seus negócios, era extremamente necessário que seus equipamentos estivessem em boas condições. Desta forma, as máquinas precisavam passar por manutenções para que não ocorresse nenhum imprevisto durante as sessões.

Em decorrência disso ele foi aos poucos transformando a garagem da própria casa em oficina de reparos, onde ele esquecia do tempo apertando parafusos, ligando fios, trocando peças, recuperando máquinas de projeção (...) a todos, mesmo os mais distantes e precários era preciso dar assistência às máquinas, ao som, à programação. (Carneiro, 2009. p.57. 58).

A partir da citação acima, passamos a conhecer um novo empreendimento do seu Duca que, mesmo não trabalhando diretamente com os filmes, supre as necessidades dos cinemas, não esquecendo que todos esses negócios dos quais ele era proprietário, geravam mais lucros, mais empregos e mais reconhecimento do seu trabalho, proporcionando lazer e propagação de outras culturas.

Os filmes exibidos no Cine Argus, realmente, conquistavam a atenção da população, e por esse motivo, o comércio cinematográfico, principalmente na cidade de Castanhal, conseguiu um espaço significativo no que diz respeito ao lazer. No entanto, com o surgimento de novas tecnologias, o cinema passou a ter dificuldades em atrair o seu público, gerando assim uma crise para o cinema.

A CRISE DO CINE ARGUS

De acordo com os relatos dos nossos entrevistados, por volta da década de 70, a população de Castanhal começa a adquirir um importante meio de comunicação, a Televisão, que trazia imagens e informações sobre os acontecimentos do dia a dia. Diferentemente do rádio, a televisão possibilitava às pessoas, não apenas ouvir as informações, mas também visualizar as mesmas.

Antes tal fato só acontecia através do cinema, pois devemos lembrar que o Cine Argus passava imagens informando o seu público sobre os acontecimentos. Como o cinema se manteve diante da concorrência com a televisão, verifica-se isso através da citação: “veio

em seguida a concorrência da TV, mas papai dizia: ‘uma exibição de boa qualidade será sempre melhor do que trocar o cinema pela TV. É preciso garantir a qualidade da exibição.’ E continuou firme no seu trabalho”. (CARNEIRO, 2009.p.57).

Percebemos assim, que a nova tecnologia não fez com que o proprietário do cinema desistisse dos negócios, ao contrário, fez-se necessário garantir a qualidade do cinema, para manter o seu público, como observar-se no relato de Arquimimo (2015).

(...) o que era mais interessante era você ir para o cinema né, é uma telona daquela uma imagem lindíssima e você chegar em casa a televisão é em preto e branco (risos) é aí você só via a cor no cinema não é... A gente só começou a ter televisão em casa em 1974, mas em cor foi em 1979, até nesse período não se sabia o que era cor, só no cinema, (...). *Cem (sic.)*² era um programa que tinha que era assim tipo notícias, então ele passava... para gente hoje era uma forma bem anarquizada, mas para época circulava notícias internacional e nacional: Rainha Elizabeth visita o Brasil, passava, tá entendendo, mesmo depois, dez anos depois, aí passava também era assim; oito horas até oito e quinze era Trailer de filme (...) aí passava jogo do Rio de Janeiro, compacto do flamengo, aí seria, mas geral assim uma forma de chamar para as pessoas ... de uma certa forma assim de torcer.

Na citação, a televisão não causou um grande impacto para o Cine Argus, pois nem todas as pessoas tinham condições financeiras de adquirir tal objeto e mesmo as que possuíam continuaram a frequentar o cinema, porque a programação que passava lá, a televisão não reproduzia. Por isso, para melhor entendimento da entrevista do Amílcar Carneiro (2015), leia-se a referida citação:

Se bem que a televisão vinha mostrando as garras, como por exemplo. Quando a televisão começou a exibir filmes eram bem antigos, cinco anos para trás, porque tinha essa lei: televisão não podia exibir um filme, antes de cinco anos, porque o filme antigamente tinha reprises (...).

Assim como a televisão, surgiram outras tecnologias que, com o decorrer do tempo vão se modernizando, como por exemplo: a televisão em cores, o videocassete e a fita VHS, dentre outros. Esses novos aparelhos se tornaram fortes concorrentes para o Cine Argus, podemos entender como se deu esse processo na citação a seguir:

Olha a reação, assim que eu posso dizer que teve não foi tão chocante, por que a maioria dessas pessoas, família e parente já tinham achado melhor, era mais cômodo assistir filme em casa, devido essa questão do VHS a fita, por que dizia que um fato curioso que é dizia que antes do filme chegar ao Cine Argus já estava há muito tempo nas locadoras aí foi isso que foi tirando o público do Cine Argus, por que até

² O programa de rádio funcionava no espaço do Cine Argus, na qual Manuel Carneiro utilizava os altos falantes do cinema para realizar o seu programa, que tinha seu funcionamento pela parte da manhã, que segundo Amílcar Carneiro era as 10 e 11 horas da manhã, sendo um importante meio de comunicação para a população de Castanhal.

chegar o filme, lançou. Pra chegar ao Cine Argus levava muito tempo e antes de chegar já estava nas locadoras. (Entrevista com Álvaro Costa. 2015).

Com essa facilidade que as locadoras ofereceram para a população, a concorrência com o cinema tornou-se maior, devido ter um fácil acesso às fitas, as pessoas deixaram de ir ao cinema com tanta frequência, obrigando desta forma o proprietário a criar estratégias, como a exibição de filmes pornô, o qual pode atrair novos públicos, separando “em duas sessões distintas, uma para homens e outra para mulher” (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Não podemos esquecer que essa iniciativa foi uma estratégia adotada nos anos 1990 para manter o Cine Argus em funcionamento, pois os outros filmes estavam disponíveis nas locadoras e as pessoas poderiam levá-los para casa, dessa forma, o cinema não conseguia competir com as mesmas.

Devido à nova estratégia ser bem-sucedida, pelo fato de que o cinema proporcionava às pessoas a assistirem os filmes que eram malvistados pelas famílias tradicionais, que observamos na seguinte citação: “Engana-se quem pensa que o provincianismo típico de pequenas cidades inibia o público dos filmes pornô. “Império dos Sentidos”, exibido no interior, no ano de 1981, foi um sucesso de bilheteria”. (Jornal O Liberal. 2003.p.9).

Na citação do Jornal *O Liberal*, o filme *O Império dos Sentidos* é tratado como um filme pornográfico. No entanto, é preciso dizer que este filme está mais associado à produção dos filmes japoneses veiculados pelo Cine Argus entre os descendentes japoneses da região do que, necessariamente, para os filmes pornográficos dirigidos ao grande público consumidor deste gênero. Seja como for, *O Império dos sentidos* demarca, na História do Cine Argus e do público do cinema da cidade e região, a primeira exibição de um filme contendo cenas de sexo explícito.

De qualquer forma, e como a memória relata, podemos observar o que o gênero dos filmes pornô foi um grande sucesso: “(...) segurou muito tempo o cinema no interior porque começou a queda e as pessoas só iam pros pornô por que já não iam pro cinema porque o DVD tinha... já tinham assistido no DVD, VHS”. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Na entrevista com Amílcar Carneiro podemos perceber que as exibições dos filmes pornô sustentaram por um longo tempo o Cine Argus. É importante ressaltar que o

cinema continuou com as suas programações, com “filmes normais para todos os públicos” (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015), dedicando apenas dois dias da semana para a exibição dos filmes pornô.

(...) daí nós mantivemos uma programação toda terça-feira, terça e quarta era um filme de sexo explícito, multidão de público cativo. Foi um período muito bom mesma bilheteria aí teve cinemas na capital que aderiram o sexo explícito que viraram, o maior exemplo do Brasil é o Opera.

O filme pornô foi muito importante para o cinema, mas com certo tempo, foi ficando malvisto pela sociedade, porque, cada vez mais foi banalizando o cinema, que ficou considerado um espaço vulgar e mal frequentado. É válido ressaltar que os filmes pornôs não poderiam ser exibidos em qualquer lugar.

(...) só podia exibir se o cinema fosse cultural um espaço cultural, ou então através de uma liminar do juiz, então começou aí o (risos), a falcatrua, as pessoas compravam as liminares e os filmes já chegavam nas nossas mãos com a liminar, pagava-se pela liminar. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Em 1982 o Cine Argus sofre mais um impacto, não somente o cinema, mas todo o comércio cinematográfico que dependia da família Carneiro. “Numa viagem para fiscalizar filme em outro cinema, acontece um acidente que provoca o falecimento de seu Duca” (Carneiro. 2008.p.36). Com o falecimento do seu Duca, assume a direção dos negócios o filho Amílcar Carneiro, isso é compreendido na citação de como se deu tal processo.

Foi, quando ele faleceu o cinema ele vivi numa época ainda muito boa, as capitais já havia problemas os cinemas fechando, (...). No interior ainda era muito bom, aqui pra nós ainda era uma época muito boa, década de 80 filmes de grande bilheteria. Meu pai morreu em um acidente ele vinha de Imperatriz, onde ele tinha um cinema lá, foi lançar um filme chamado *A Lagoa Azul*, vocês conhecem, a esse filme ficou na nossa memória como uma tragédia, sim imagino. Era um filme que ele fez uma preparação muito grande para o lançamento que era bilheteria garantida e lançou em Imperatriz aí lá foi à bilheteria que ele esperava e tal e na volta o acidente e morreu, nós ficamos aqui uma semana sem dar sessão e reabriu com *A Lagoa Azul*. Minha família toda se reuniu e eu era a pessoa que tava mais próxima por que eu sempre trabalhei com ele, não tinha saído e todos os outros moravam fora não podiam e concordaram que ficasse tomando conta da empresa. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

A partir do momento em que Amílcar Carneiro assumiu os negócios da família, ele detectou que o comércio cinematográfico não estava mais tão lucrativo, pelo contrário, já estava dando prejuízos com os gastos, como por exemplo, o aluguel das fitas, os pagamentos dos funcionários, dentre outros. Então, foi tomada a decisão, fechar os cinemas dos interiores.

Ah, tava horrível.
Tanto em Castanhal como nos outros?

Os outros já tinha fechado tudo, eu fui fechando, as praças pequenas começaram a fechar, Vigia, Santa Izabel, Icoaraci, São Miguel do Guamá tudo isso não tinha mais condição, não ia mais ninguém pro cinema. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Diante disso podemos compreender que, para reerguer o Cine Argus seria preciso um grande investimento em infraestrutura, modernização de equipamentos, renovação de fitas. No entanto, devido às crises que o cinema vinha enfrentando, a família Carneiro não tinha condições financeiras para realizar o investimento necessário. Mesmo com o fechamento dos cinemas dos interiores, continuando apenas com o Cine Argus, as despesas continuavam muito altas, sendo necessário tomar alguma atitude em relação aos gastos. Para solucionar esse problema, foi necessária uma reunião com os familiares, comprovada através do jornal.

Mas no domingo de 30 de setembro de 1995, após uma melancólica reunião familiar, foi decidido fechar o “Argus”, que exibiu sua última sessão para apenas 20 pessoas, que foram assistir o filme “Debi & Loide” (Dois Idiotas em Apuros). (Jornal A Gazeta de Castanhal. 1997.p.12).

A decisão tomada pela família, certamente não foi fácil, pois Manoel Carneiro e sua família se dedicaram por muito tempo ao comércio cinematográfico, não visando somente os lucros que ele trazia, mas pelo interesse que possuíam pelo cinema, como afirma Amílcar à “paixão dele”. Porém, “Aí veio à proposta da igreja universal de aluguel, entre ficar endividado pelo resto da vida e receber um aluguel certo, ai foi à única saída que tivemos”. (Entrevista com Amílcar Carneiro. 2015).

Durante a nossa pesquisa, observamos que não foi somente a família que sofreu pelo fechamento, mas a partir da análise das entrevistas, percebemos que a população também sentiu tal perda.

Em todos os relatos, as pessoas lamentaram pela perda de um espaço tão importante e que, mesmo com o fechamento, a maioria dos entrevistados concorda que os políticos da época deveriam ter tomado alguma iniciativa em manter o prédio como um patrimônio histórico. No entanto, não houve nenhum interesse que viabilizasse um projeto político em relação ao Cine Argus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do cine Argus ultrapassa as fronteiras da cidade, uma vez que ele é uma referência cultural para o entorno de Castanhal, mobilizando populações de culturas e costumes diferentes. Economicamente, sua importância é dupla, tanto pra o comércio local, como para todo o comércio cinematográfico realizado pela família Carneiro. Nesse sentido, quisemos apontar como este comércio se realizava, e a importância da família Carneiro como empresários do cinema na Amazônia, viabilizando a existência de espaços para a exibição desta arte.

Desta forma, tentamos destacar, com esta pequena “biografia” do Cine Argus, um pouco da importância de sua história, ligando sua existência marcada pela memória a outros processos históricos que permitiram sua existência, e com os quais o cinema influenciou. Em suma, estamos acostumados a perceber a história de Castanhal a partir de seus marcos essencialmente políticos, o que é importante. No entanto, ao tomarmos a história do cinema, vimos que a cidade de Castanhal está imersa em outros processos, particularmente o da modernização da economia da Amazônia no final do século XIX, e que se desdobra em um crescimento urbano e uma modernização de hábitos da cidade dos quais, sem dúvida, a história do Cine Argus constitui um capítulo especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Osimar da Silva. **A “CIDADE MODELO”: Reforma urbana, conflitos sociais e o discurso de progresso em Castanhal (1960-1987)**. Belém. 2014.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Editora da Universidade Estadual Paulista. 2ºed. 1992.

CARNEIRO, José Queiroz. **Avó Filho Neto, Gerações em Cenas**. Edilberto Silva. Belém, 2009.

CARNEIRO, Gilberto Queiroz. **Cine Argus: A História de um Cinema (1938-1995)**. Bragança. 2008.

CRUZ, Ernesto. **A estrada de ferro de Bragança: visão social, econômica e política**. Belém: Falângola, 1955.

GALVÃO. **Caderno de Educação Patrimonial. Usina de Força- Iluminação Pública em Castanhal**. Nº 5. Castanhal: FCAT. 2014.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Os Japoneses na Amazônia e sua Contribuição ao Desenvolvimento Agrícola**. Somalu, ano 9,nº.1.2009.

LACERDA, Franciane Gama. **“Migrantes Cearenses no Pará: Faces da Sobrevivência (1889/1916)”**. Ed. Açaí. Belém. 2010.

_____. **Cidade, Memória e Experiência ou Cotidiano de uma Cidade do Pará nas Primeiras Décadas do Século XX**. São Paulo.1999.

MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como Fonte: Problemas e métodos**. Historiae. Rio Grande, 2011. Pg. 95-108.

MUTO, Reiko. **O Japão na Amazônia: condicionantes para a fixação e mobilidade dos imigrantes japoneses (1929-2009)**. 2010.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. **Memória, História e Patrimônio – Perspectivas Contemporâneas da Pesquisa Histórica**. Nº 22, vol. 12, Fronteiras. Dourados, 2010. Pg. 131-151.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Nº 10, vol. 5. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992. Pg. 200-212.

SARGES. Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Ed. Açaí. Belém. 2010.

SILVA, Francisco Ribeiro. **História Local: Objetivos, métodos e fontes**. 1998.

SOUZA, Hugo Luiz de. **Castanhal e suas raízes: “O Passado Presente”**. 1ªed. Castanhal. 2013.

THOMPSON. Paul. **A Voz do Passado História Oral**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2ª Ed. 1992.

WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e decência (1850-1920)**. Hucitec Edusp. São Paulo. 1993.

Disponíveis em: <http://www.castanhal.pa.gov.br/sobrecastanhal>. Php. Acesso em: 27 de abril de 2015.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Científica, História Contemporânea e História Cotidiana**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, p.13-38 - 2004.

Artigo recebido em abril de 2016. Aprovado em junho de 2016.